



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 14 | Nº. 27 | Jul./Dez. de 2022

Jaciara Azevedo Rodrigues

Mestranda em História pela Universidade Estadual do Ceará/UECE.

jaciara.azevedo@aluno.uece.br

Paulo Sérgio da Silva Santos

Mestrando em História Pela Universidade Federal de Campina Grande/UFCG

tempospaulo@gmail.com

ATRAVÉS DE UM “SIMPLES CLIQUE”: uma abordagem digital da historiografia ferroviária cearense.

RESUMO

As temáticas diversas que envolvem as estações ferroviárias cearenses são essenciais para produção da história social, cultural e econômica do Ceará, uma vez que esses prédios foram construídos em diversos municípios do estado, independentemente do desenvolvimento. Tendo em vista que as estações ferroviárias possuem uma série de fontes históricas de natureza documental, seja jornalística ou fotográfica, o objetivo deste artigo é demonstrar que essas fontes, ao receberem o adjetivo “históricas” não devem se restringir apenas aos espaços materializados, mas também a uma dimensão mais interativa e inovadora que é a esfera digital, exigindo da população certa adaptação. Dessa forma, possibilitará uma maior ampliação no alcance do público, que, por sua vez, passará a ter acesso a essas informações, outrora esquecidas em um arquivo, seja de natureza pública ou privada. Para tanto, a principal metodologia para defender a referida tese é a análise dos variados modos de produzir uma historiografia sobre essa temática, demonstrando que é possível acessar as histórias e memórias da ferrovia cearense por meio de um “simples clique”¹.

Palavras-chave: Estações ferroviárias. Fontes históricas. História digital.

¹ Importante compreender esse “simples clique” como toda a facilidade que o meio digital nos possibilita, ou seja, ao invés de todo o processo de agendar uma visita ao arquivo, fazer uma seleção bem mais exaustiva, a tecnologia proporciona acessar o arquivo da sua própria “telinha”, como também conta com um sistema de procura rápida e organização do acervo.

THROUGH A "SIMPLE CLICK": a digital approach of the railway historiography of Ceará.

ABSTRACT

The diverse themes that involve the Ceará railway stations are essential for the production of Ceará social, cultural and economic history, since these buildings were built in several cities in the state, involving underdeveloped cities, even independent of development. Considering that railway stations have a series of historical sources of a documentary, journalistic or photographic nature, the objective of this article is to show that these sources, when included the adjective "historical", should not be restricted to material spaces, but also to a much more interactive and innovative dimension that is the digital space, requiring a adaptation from the population. In this way, enabling a greater expansion in the reach of the public who will have access to this information that were forgotten in public space or private. Therefore, the main methodology to defend our objective is the analysis of the various ways to produce a historiography on this theme, demonstrating that it is possible to access the stories and memories of the Ceará railroad through a "simple click".

Keywords: Railway stations. Historical sources. Digital history.

Introdução

A história aqui contada situar-se-á em um passado próximo, cujos fragmentos ainda podem ser encontrados diante de nossos olhos ou entre nossos ouvidos. Um passado inscrito e transcrito em outro mundo, o digital, cujos vestígios de nossa existência passam a habitar.²

O presente artigo tem como princípio norteador a análise da historiografia ferroviária do Ceará, para além dos arquivos localizados em espaços materializados, sejam de domínio público ou privado. Nesse sentido, este trabalho busca trazer à tona outras formas de produzir e pesquisar a história da ferrovia cearense através das fontes digitais. Estas, assumem a função de oferecer um universo amplo e variado de informações, permitindo o acesso de qualquer lugar onde você deseje se reportar através de um “simples clique”, que prescinde da busca exaustiva em arquivos físicos³.

Essas fontes encontradas no universo digital foram muitas vezes originadas de dois casos: no primeiro, podem ter sido produzidas diretamente no meio da página virtual ou, no segundo caso, há demonstração de que foi possível fazer cópias dessas fontes para o meio digital, uma vez que havia no meio físico e alguém resolveu transpor para o meio digital, sem perder, evidentemente, o teor de historicidade.

Diante disso, faz-se importante informar que este texto é metaforicamente um trem que percorre vias sobre outras produções científicas das quais adentram no presente no estudo da importância da história digital para a pesquisa e o ensino. Nesse sentido, a função fulcral desse ensaio é demonstrar que é possível aliar a tecnologia em favor da disseminação da historiografia ferroviária cearense.

É perceptível que o meio digital oferece um leque de possibilidades, uma vez que amplia a dimensão de difusão das fontes. Outrora, empoeiradas em arquivos específicos, que até mesmo para historiadores possuírem acesso, exige um processo burocrático, porém, quando compartilhadas “na rede”, o público que se interessa pela história, pode se apropriar de forma efetiva.

Tendo em vista que no meio digital essas informações são “postadas” com fluxo contínuo, torna-se possível as páginas virtuais serem alimentadas constantemente por informações históricas, o que muitas vezes pode causar excesso

² Introdução da dissertação: RAPOSO, Thiago Acácio. **Um barco que veleje nesse (in)formar**: a história pública digital em Campina Grande (2009-2020). 2020. 200 f.

³ Longe de colocar em segundo plano a busca por fontes no arquivo material, esse trabalho tem o intuito de abrir outras possibilidades da pesquisa em História através do que o universo digital oferece.

de informações dentro de um curto intervalo de tempo. Em contrapartida, uma vez na rede, essas fontes históricas podem alcançar mais pessoas, e assim a história não vai se perdendo, contudo, essa prática exige dos historiadores e arquivistas a realização de uma minuciosa seleção.

Através da analogia às fontes que retratam acerca da historiografia ferroviária no Ceará que estão disponíveis apenas em espaços físicos com aqueles acervos que já estão disponíveis no meio digital, é possível afirmar que os documentos exclusivos em arquivos físicos já não podem causar tanto impacto na vida da população. Primeiramente, devido à dificuldade para acessar, ademais, por se localizarem em lugares que são específicos de pesquisadores, longe do alcance da sociedade em geral.

No Ceará, as poucas informações ainda disponíveis para o público, têm como referência a capital, tornando escasso o passado das demais cidades, cujos trilhos também foram instalados. Devido a essa problemática, há necessidade de pensarmos acerca das possibilidades e perspectivas do manuseio com os conteúdos disponíveis na dimensão digital.

Dessa forma, “[...] o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça (BLOCH, 2001, p. 20). Isso significa afirmar que o pesquisador e o professor devem estarem dispostos a adentrar em novos ares para conseguir captar suas fontes, imprescindíveis para se contar a história. O historiador precisa se fazer presente nesse processo de organização das informações que estão no meio digital, para assim ser capaz de transformar em História aquilo que é produzido por todos.

Assim, esse trabalho se ancora, sobretudo, nos estudos de Maynard (2016) Noiret (2015) e Lucchesi (2014) que tratam da história digital como uma poderosa abordagem para a pesquisa. Assim, Lucchesi (2012) afirma que a problemática que envolve a autoridade na rede é apenas mais um dos aspectos que nos convida a realizar um exercício crítico e uma operação de seleção ainda mais rigorosa ao se lidar com o passado, diluído na rede.

Assim, espera-se que você embarque conosco nessa leitura, que se apropria de alguns aspectos tecnológicos que não são visíveis em trabalhos acadêmicos tradicionais, a exemplo das imagens e *hiperlinks* que foram inseridos ao longo da escrita. Para tanto, o historiador deve estar atento à utilização dessas fontes no seu ofício, importando refletir sobre seu papel social diante da imensidão de informações

que a era tecnológica proporciona, como também os desafios encontrados para tratar daquilo que pode ser considerado história.

O historiador e a imersão digital: os desafios e possibilidades de produzir e pesquisar nas fontes digitais da ferrovia cearense

É notório que há necessidade do historiador rever suas práticas frente à contemporaneidade e sua proximidade com todo aparato de novidades tecnológicas, ou seja, estar em contato com as práticas e elementos do universo digital que tornam o seu trabalho mais pragmático. Destarte, ao longo deste trabalho, iremos trilhar, sobretudo, nos *blogs*, *sites*, redes sociais, entre outros meios digitais que possam proporcionar conhecimento da história da ferrovia no Ceará.

Como fica evidenciado, não podemos resumir toda a questão tecnológica em facilidades, há também os desafios. Entre as vantagens, há a mais sedutora no que se refere a acessibilidade das fontes que proporciona aos pesquisadores usufruírem de uma rede de dados digitalizados diretamente da própria casa através de um “simples clique”. Conforme Raposo (2020) nos afirma que a comodidade do acesso via *internet* também é um elemento chave que permite ao historiador navegar até outros países e cidades sem se deslocar, rompendo as barreiras do tempo e espaço.

E, para interagir com todo esse universo tecnológico, não há exigência de que o historiador seja um especialista em informática, redes sociais ou *internet*, nas palavras de Maynard (2016) não podemos exigir que o historiógrafo seja um *expert* ou até mesmo um *hacker*, tendo primazia nos meios digitais, nós, como profissionais da História não devemos ter apatia pela evolução tecnológica que nos exige acompanhar o fluxo contínuo em que as informações são disseminadas.

Ainda de acordo com o referido autor, o mesmo demonstra que “esse falso dilema acabou por afastar tamanha exigência, tamanha distorção, afasta os historiadores em lugar de aproximá-los de aliados como os computadores, as novas mídias e a Internet.” (2016, p. 105). Apesar disso, o autor ressalta que embora haja o esforço para tratar as fontes digitalmente, esses imigrantes digitais - termo usado para designar aqueles que não nasceram na geração tecnológica – sempre irão falar com sotaque.

Falar com sotaque significa que nunca estarão incluídos de maneira completa, pois sabemos que haverá as limitações. O autor então afirma que “o ciberespaço ainda é um país estrangeiro para parte significativa dos historiadores que, em lugar de

nativos⁴, são antes imigrantes digitais.” (MAYNARD, 2016, p. 105). Ainda conforme o autor “[...] quais as ressonâncias das novas tecnologias na prática histórica? Esta pergunta põe em relevo a necessidade de aprofundarmos a discussão sobre o fazer história na era digital” (2016, p. 105). A questão, segundo o autor, refere-se a prontidão que o historiador deve estar no que concerne ao conhecimento desse universo digital, apropriando-se de ferramentas essenciais para o seu ofício, não havendo resistência.

Noiret (2015) demonstra em seus estudos que a virada para os meios digitais, influenciou na documentação que dispomos para nossas pesquisas. Essa “perturbadora virada digital” como o referido autor coloca, questiona nosso ofício de historiador, tanto na prática docente quanto científica. Isso nos coloca a pensar se realmente somos capazes de acompanhar e nos adaptar a esse cenário inovador que vem nos rodeando.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que a pandemia do COVID-19⁵ veio como uma provação para nos testar o quão estamos (des) preparados para adentrar no que se refere à pesquisa e docência no meio digital. Nobre (2022, p. 130) comenta sobre esse momento que assolou a realidade mundial, afirmando que, de repente, “[...] professores experientes e acostumados com a sala de aula, o pincel, a lousa e, quando muito, com a projeção de slides, tiveram que repensar as maneiras de ensinar e as suas práticas pedagógicas devido ao novo contexto pandêmico.”

Apesar do ensino remoto ter exigido novas habilidades dos docentes, é importante traçarmos discussões sobre a resistência tanto dos professores, quanto dos pesquisadores no que diz respeito à forma de produzir uma história digital, como também pesquisar nesses acervos digitais. Muitas vezes, por não se considerarem nativos digitais, optam pelo meio convencional, em pesquisar diretamente no documento físico.

Esse ato ocasiona diversos desafios, como achados de documentos rasgados, mal conservados e que já não são mais capazes de transmitirem a informação histórica com totalidade devido às condições materiais de como se encontram. Além disso, no

⁴ Sobre o termo “nativo digital” cabe uma crítica. A utilização do termo “nativo digital” pode ser considerada problemática, pois nos leva a ter que considerar o aspecto da desigualdade social. Isso se evidencia porque muitos indivíduos que nascem na sociedade de hoje, não possuem acesso a um aparato tecnológico devido suas condições financeiras. Dessa forma, não necessariamente todo sujeito da geração de hoje pode ser considerado um nativo digital. Há um abismo que pode promover contradições nesse cenário de análise.

⁵ Pandemia de origem mundial que chegou ao Brasil em fevereiro de 2020 levando à morte de milhares de brasileiros. Apesar da campanha “fique em casa”, a pandemia conseguiu atingir pessoas de diferentes faixas etárias, sendo o grupo de idosos e pessoas com comorbidades mais propensas a adquirir complicações da COVID- 19.

meio digital, ao passar as páginas dos arquivos, já não correrá o risco de danificá-las, posto que irão recorrer ao *next*⁶ com um “simples clique”, e não manualmente por meio do toque no material.

A historiografia ferroviária cearense nos mecanismos digitais: um olhar para além do acervo físico

Nesse tópico, trabalharemos com as bases de dados que se ocupam em contar a história da ferrovia cearense, para além dos documentos que estão armazenados nos arquivos físicos. Devemos notar que há possibilidades de buscas por *sites e blogs* que nos possibilitam saber um pouco dessa historicidade. Aqui, cabe o exemplo de um *site das estações ferroviárias brasileiras*⁷, que através de todo aparato organizacional, fornece informações de cada estação no Brasil, por estado. Segue abaixo uma imagem-*print*⁸ do referido site.

⁶ Palavra de origem inglesa que significa “próximo”.

⁷ Este site procura mostrar o contexto histórico e as fotografias da estação ferroviária de todos os Estados de brasileiros. O site nunca estará completo, pois novas informações chegam a toda hora. Várias pessoas colaboram enviando material, boa parte citado nas páginas. Afinal, são quase 5 mil estações catalogadas em todo o Brasil.

⁸ Nessa imagem-*print*, assim como temos várias divisões para categorizar as fotos inseridas em nossos trabalhos acadêmicos de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), como imagem, figura, fotografia, seria possível acrescentar mais uma categoria: os popularmente nomeados *prints*. Estes possuem a função de capturar a imagem que está aparecendo tanto na sua tela de computador quanto de celular. Esse recurso é usado com frequência na atualidade como forma de registrar aquilo que está passível de esquecimento. Quando fazemos um *print*, é porque há o interesse de salvar aquilo que está sendo exibido, como forma de garantir sua permanência para a história.

Figura 1: Página inicial do *site* de busca por estações ferroviárias brasileiras, tendo como exemplo de busca a estação de Reriutaba, Ceará.



Fonte: *Print Screen* feito pelos autores, 2022.

Nesse sentido, através do *print* da referida página apresentada, podemos trazer um pouco da essência deste *site*, que, por vezes, é considerado fulcral para pesquisas que possam fazer uso do histórico de cada estação ferroviária. Através da exploração do *site*, fica visível que as informações que estão disponibilizadas são bastante pontuais. Ademais, é notório que, para cada uma das estações, é atribuído um texto contendo o contexto histórico, seu uso na atualidade, utilizando-se também de fotografias da época do funcionamento do trem de passageiros.

Outra poderosa ferramenta que nos conduz ao conhecimento da história da ferrovia brasileira são as páginas em redes sociais cujo objetivo maior é contar a história de uma estação em específico. Aqui, investigaremos um caso que trata de uma página que é alimentada por postagens que mencionam algumas cidades do Ceará, uma página virtual de dimensão estadual, que conta com um número considerável de participantes, os quais frequentemente colaboram com o funcionamento da mesma, disponibilizando seus acervos em formato digital. Segue o *print*-imagem da página inicial no *facebook*:

Figura 2: Página inicial da Página “Recordação da Ferrovia Cearense” ativa atualmente



Fonte: Print Screen feito pelos autores, 2022.

O nome da página já estimula seus visitantes a um saudosismo. O idealizador e administrador da página é o senhor Carlos Camocim que não foi um ferroviário, contudo, devido seu pai ter tido essa profissão, o mesmo criou simpatia, tornando-se admirador da ferrovia. O criador fala dos motivos que o levou a fundar a página, dizendo preservar de forma mais enfatizada a memória de um tempo áureo e indelével para os que viveram na época do funcionamento do trem de passageiros nas cidades cearenses.

Nessa perspectiva, é oportuno chamar atenção para alguns aspectos que estão presentes nessa página em análise, onde são postados frequentemente vídeos do atual estado de alguns trechos dos trilhos cearenses, plantas de estações, fotografias de época acompanhadas de legenda descritiva e notícias referentes à ferrovia. Dessa forma, vale a pena ressaltar o alto nível do fluxo de informações cujas atualizações acontecem de forma frenética, sendo alimentadas constantemente por 4 a 5 posts diariamente.

Outro exemplo que temos de plataforma que nos contam mais sobre a história da ferrovia no universo digital, é um grupo de *whatsapp* que tem como a maioria dos participantes ferroviários aposentados, bem como com aqueles ainda em atividade. São sujeitos que se consideram “amantes” da ferrovia e possuem curiosidade pela

história e lembranças compartilhadas. O grupo sempre é muito movimentado, com um número considerável de público, para além dos ferroviários que estão adicionados, o grupo agrega pesquisadores da ferrovia cearense, que, de certa forma se servem dos conteúdos ali produzidos e compartilhados para desenvolver suas pesquisas.

Figura 3: descrição geral do grupo de *WhatsApp* “Memória Ferrovia Cearense”

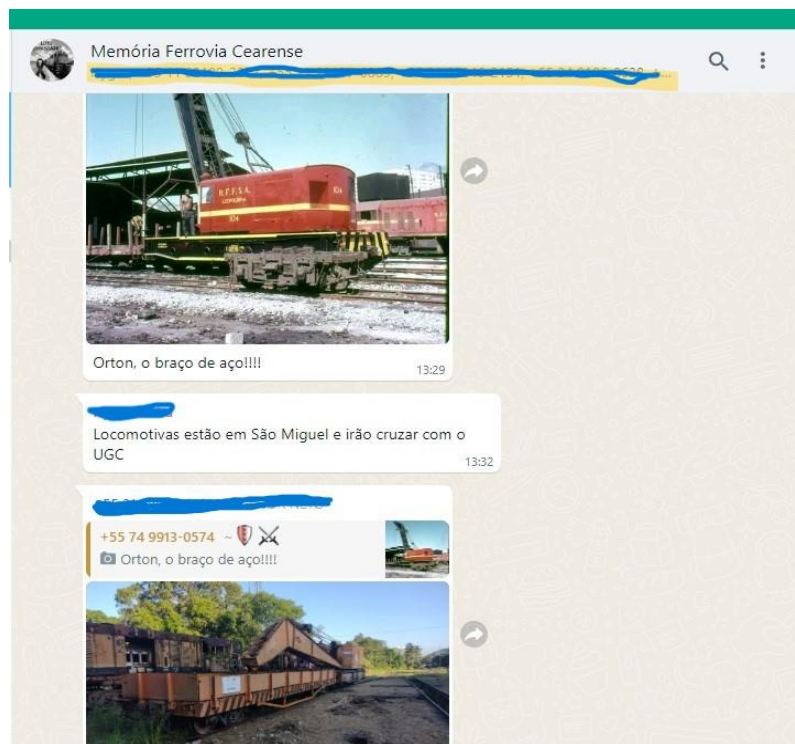


Fonte: *Print Screen* feito pelos autores, 2022.

A partir da descrição desse grupo, é perceptível, através da foto do perfil, que há sensibilidades partilhadas, imprescindíveis para constituir memórias. O luto por um dos membros que participava ativamente do compartilhamento das lembranças ferroviárias no grupo.⁹ A partir daí, vemos as sensibilidades também sendo despertadas nos meios digitais. Com isso, Lucchessi (2014, p. 47) afirma que “Vemos o surgimento de novas possibilidades narrativas, menos lineares e mais hipertextuais, que intensificam potencial do virtual e podem abusar do audiovisual.” No referido grupo de *whatsapp*, também há compartilhamento de imagens:

⁹ Em vista de preservar a identidade do referido sujeito e sua memória, optamos por não identificar o ferroviário.

Figura 4: Trecho da conversa do grupo de *WhatsApp* “Memória Ferrovia Cearense”.



Fonte: *Print Screen* feito pelos autores, 2022.

Sobre essas fotos que são cotidianamente disponibilizadas nos meios digitais, é importante termos em mente que, por vezes, são uma representação da representação, uma vez que escaneiam fotografias antigas e trazem no formato *jpg*. Essa conversão faz com que a fotografia ganhe uma maior proporção, alcançando maior público.

Ademais, por meio dessas capturas de imagens, podemos refletir acerca da função dessas fontes tanto para a história do tempo presente como daqui alguns anos e como são interpretadas a partir do ponto de vista de quem se propõe analisar. Essas fontes produzem a percepção de que apresentam, tanto no *Whatsapp* quanto no *Facebook*, memórias sobre o passado que não fazem uso dos mesmos critérios críticos que aquelas utilizadas pelos profissionais da História.

Maynard (2016) nos diz que produzir história digital é estabelecer uma nova estrutura, utilizando-se dos meios digitais para as pessoas experimentarem, lerem e compreenderem um argumento sobre uma situação problemática de uma dada

realidade. Dessa forma, devemos nos colocar a serviço da sociedade, para que assim tenhamos nosso ofício validado, além de somente olhar e considerar como verdade o que é posto ou estabelecido, adentrando ao senso crítico-interpretativo do que se produz nos meios digitais. Sobre isso, Lucchessi (2014) nos alerta quanto ao questionamento das informações que estão sendo transmitidas digitalmente, assemelhando-se ao documento escrito, esses dados virtuais merecem o mesmo manejo, como também considerá-los passíveis de elaboração de perguntas sobre a sua origem.

Ainda de acordo com Lucchessi (2014, p. 49) “Não basta que a comunidade histórica acadêmica acesse bancos de dados *online* [...] Isso já acontece de forma bastante compartilhada. O problema, [...] é que determinadas atitudes [...] são tomadas como óbvias”, consideradas prontas e acabadas, se naturalizando por falta de questionamentos sólidos. Com isso, podemos refletir sobre as implicações e preocupações para com esses acervos digitais.

As principais preocupações e precauções: implicações na conservação da historiografia digital cearense

O cenário social onde estamos inseridos nos reveste de bombardeadas informações a cada instante. A partir dessa realidade, como selecionar apenas o que vai ser capaz de contar uma história mais próxima possível da verdade? Nessa perspectiva, nós, historiadores, estamos buscando evidências históricas, logo, neste trabalho firmamos o compromisso de sempre buscar as evidências mais tangíveis dos fatos.

Quanto mais há informações “jogadas” na rede, o trabalho de seleção *a posteriori* se tornará mais denso. Maynard (2016, p. 109) ressalta um desafio inquietante diante do acúmulo dessas informações que vem chegando até nós. “Se é certo que a rede mundial de computadores apresenta um inegável potencial democratizador, ela também poderá limitar, ludibriar e colaborar para o esquecimento do passado.” É preciso haver uma seleção ao manusear essas informações, para que assim não consideremos como verdade todas as informações que estarão sendo propagadas.

Diante disso, cabe uma reflexão: após selecionarmos, como deverá acontecer a preservação dessas postagens? Nesse sentido, Noiret (2015) intitula “terremoto da era digital”, o aglomerado constante dessas informações que implicam em algumas

preocupações no que diz respeito ao armazenamento do que está sendo produzido nos meios digitais, e, que daqui a alguns anos servirá como fonte histórica. Porém, a população que vai consumindo essas informações raramente se dá conta de sua utilização como fonte histórica, cabendo ao historiador o papel de despertar a consciência de como o passado interfere no presente.

Mas quem garante a durabilidade do meio digital onde estou guardando? Dessa forma, podemos pensar qual o impacto das fontes digitais frente às formas tradicionais que temos acessado para narrar o passado. Silveira (2016) nos alerta para utilizarmos métodos críticos para análise do que está armazenado digitalmente, lista como um desafio do historiador a instabilidade do texto na *internet*. A partir dessa problemática, como ter segurança no meio digital? Talvez com a prática de manuseio e se “deixar permitir”.

Tal como nos fala Maynard (2016, p. 108) “A questão mais preocupante não é como navegar nesta maré de dados, mas como se dará a preservação daquilo que suporta tais documentos [...] que os faz visíveis para o pesquisador.” Ou seja, se considerarmos a volatilidade das informações que circulam no meio virtual, em se tratando de informações históricas, torna-se imperiosa a reflexão sobre como preservar ou assegurar a permanência dessas informações, enquanto registros históricos. Desse modo, Maynard (2016) aponta o acúmulo de informações como algo que gera um leque de possibilidades de fontes, para isso, é preciso organização.

Nesse sentido, cabem os seguintes questionamentos: Quem é responsável por preservar o registro histórico na era digital? Como fazer essa seleção para que não venha a se perder? A preservação desses materiais simboliza desenvolvimento da consciência histórica, onde vemos cada vez mais uma superprodução de informações sem se atentar à seleção das postagens que ficarão disponíveis para pesquisas futuras.

As mudanças nos meios digitais são tantas que chegam a questionar não apenas nosso fazer-se, até mesmo a relação com o tempo. Devemos refletir sobre o impacto da história digital dentro do nosso ofício como historiador, quais atribuições sociais ela implica. De forma que Noiret (2015, p. 34) nos fala que:

O alcance das mudanças do ofício de historiador por intermédio do digital é de tal ordem que devemos nos perguntar qual será o impacto da história digital sobre as formas tradicionais de narração do passado, e se, ainda com maior profundidade, não devemos rever nossa própria relação com tempos passados e seu declínio em nosso presente, com a memória e com a história. Interrogar-

se sobre a presença pública da história permite que nos defrontemos com essas questões cruciais.

Assim, para Noiret (2015) devemos questionar sobre os impactos da história digital não somente na escrita e a relação história com suas fontes, mas suscitar um debate mais aprofundado sobre história, tempo presente e memória. Esse tripé frisado pelo historiador é um fundamento que percorre os trilhos teóricos e metodológicos desse ofício. Diante disso, Silveira (2016, p. 273) direciona olhares a outra dimensão sobre essa era das fontes digitais:

Em todos os casos, ainda que a instabilidade do documento histórico na internet seja reconhecida, não deixa de estar pressuposta a necessidade de que a fonte histórica possua outra característica para se tornar analisável – nomeadamente, que uma fonte histórica tem de ser estável.

Como dito anteriormente, no início do tópico, a instabilidade é um grande desafio para historiadores que trilham suas pesquisas no ambiente digital. Ora, quem garante a estabilidade das fontes que se propagam nos meios digitais? O que às vezes poderia ser visto como terra segura, pode ser apenas uma ilha que pode mais cedo ou mais tarde desaparecer. Nessa perspectiva, cabe ao historiador agir com cautela e manter a atenção aos mecanismos que usa e como os arquivos digitais estão disponibilizados, ou seja, tecer uma rede de autoproteção, seja via *download* quando possível, ou mesmo procurar outros meios para assim ficar longe da indesejável instabilidade.

Considerações finais

Diante das reflexões apresentadas, cabe-nos refletir acerca da seleção dos arquivos que serão utilizados digitalmente como fonte histórica diante da frenética atualização com que essas informações são propagadas. Tais problemas de hierarquia, de autoria, de acesso, de arquivamento, de conservação e preservação precisam ser enfrentados. Ensaieemos, então, reflexões sobre o ofício do historiador diante das novas mídias, em tempos de *Internet*, perfazendo uma discussão sobre o fazer história na era digital, sobretudo quando adentramos na temática da ferrovia cearense.

Portanto, nossa intenção com este texto não é apresentar uma pesquisa concluída, tampouco trazer respostas prontas e conclusivas aos questionamentos aqui provocados. É realmente convidar os profissionais de história e pesquisadores a

refletirem sobre como se apropriar da história, sobretudo da ferrovia cearense, através de um “simples clique”. Um “simples clique” que não garante estabilidade, pois, como vimos, os meios digitais são possibilidades, mas também demonstram desafios ao manusear. Muitas vezes, um “simples clique” pode suscitar algumas problemáticas ao ofício do historiador através de suas fontes históricas espalhadas no universo digital.

Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LUCCHESI, Anita. **Por um debate sobre História e Historiografia Digital**. Boletim Historiar, n. 2, 2014. Disponível em: <https://orbilu.uni.lu/bitstream/10993/31133/1/Lucchesi%20-%202014%20-%20Por%20um%20debate%20sobre%20Histo%CC%81ria%20e%20Historiografia%20Digi.pdf> Acesso em: 26 mai. 2022.

LUCCHESI, Anita. **Histórias no ciberespaço: viagens sem mapas, sem referências e sem paradores no território incógnito da Web**. Cadernos do Tempo Presente, n. 06, 2012. Disponível em: <https://orbilu.uni.lu/bitstream/10993/31137/1/Lucchesi%20-%202014%20-%20Histo%CC%81rias%20no%20ciberespac%CC%A7o%20viagens%20sem%20mapas%2C%20sem%20r.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

MAYNARD, Dilton Cândido S. **Passado eletrônico: notas sobre história digital**. Acervo, v. 29, n. 2, p. 103-116, 2016. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/726> Acesso em: 26 jun. 2022.

NOIRET, Serge. **História Pública Digital**, Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, 2015.

RAPOSO, Thiago Acácio. **Um barco que veleje nesse (in)formar: a história pública digital em Campina Grande (2009-2020)**. 2020. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2020.

SILVEIRA, Pedro Telles da. **As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais**. Antíteses, v. 9, n. 17, p. 270-296, 2016.

NOBRE, Thiago da Silva. **Ensino de história em tempos de ensino remoto emergencial: metodologia, avaliação e reflexão.** Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., Salvador, v. 31, n. 65, p. 121-137, jan./mar. 2022.

Site:

<http://www.estacoesferroviarias.com.br/> Acesso em: 10 jun. 2022.

Jaciara Azevedo Rodrigues

Mestranda em História pela Universidade Estadual do Ceará-UECE. Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA; Especialista em Estudos de História Local pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB; Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/8837714116311265>

Paulo Sérgio da Silva Santos

Mestrando em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; Especialista em Estudos de História Local pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB;

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/4997003316703332>

Artigo recebido em: 28 de julho de 2022.

Artigo aprovado em: 03 de novembro de 2022.